

A mala é de saco. A chave, um nó

CORREIO BRAZILIENSE 22 SET 1999

Família sai de Pernambuco atraída pela fama de Brasília que chega ao Nordeste: fartura, emprego e habitação

Cristina Ávila
Da equipe do Correio

Sete adultos abandonam o sertão. Oito crianças seguem com eles. A menor vai no colo da mãe. E Rafaela, três anos, tem que andar com suas perninhas. Vencer os quilômetros de asfalto em busca da terra de esperanças. Terra onde o dinheiro é fácil. As 15 pessoas da mesma família pedem carona em caminhões que passam voando pelas estradas. Foi dia 9 de julho quando deixaram Salgueiro, cidade pernambucana. Mais de um mês depois chegaram a Brasília. Hoje estão embaixo de um barraco feito de madeirite e papelão, bem no centro da capital, no Plano Piloto.

Tanta caminhada, e Francisco de Assis Alves, 25 anos, não encontrou a Brasília que queria. Depois de quase 1 mil 700 quilômetros e um mês procurando emprego, se cansou. "Estou decepcionado com as autoridades que anunciam que tem muito emprego aqui. Ouvi que tem vagas, pelo rádio e pela televisão. E pela boca do povo, que chega lá falando que aqui tem muita fartura. E quando entrei em Brasília, vi a placa: '200 vagas para trabalhadores'. Mas não achei nada disso. Não. Estou decepcionado é comigo mesmo", lamenta, pela mulher e pelos filhos que deixou no Nordeste.

A família caminhou empurrada pela graça de Deus. E pela des-

graça que a seca provocou em Salgueiro. "Viemos atrás de serviço. No Nordeste só tem fome", conta Francisco, homem da roça, que só estudou até a quarta série. "A pé e de carona. Mais a pé do que de carona." Ele diz que chegaram a caminhar até 60 quilômetros em um dia e parte da madrugada.

A determinação foi sempre maior do que a fome e a sede. Vieram se entretendo com conversa, para passar o sofrimento. Rafaela muitas vezes chorou, cansada. A mãe, Rosilda Maria da Silva, já carregava a irmãzinha de dois anos. Não podia com mais uma. Os adultos ajudavam, mas as crianças também tiveram que andar.

Alguém dava a mão na estrada. Às vezes um caminhão parava. Subia todo mundo na carroceria. E poupava os pés, até chegar no próximo posto de gasolina, para um banho, um pouco de comida.

NOTÍCIA DE FARTURA

Francisco de Assis é primo do marido de Rosilda. Ela tem 24 anos. O marido dela é Antônio. Também tem 24. "Todo mundo que chegava em Salgueiro contava. Lá é fartura, moço! Minha tia estava determinada a vir; o lugar lá tava muito ruim para nós. Então, no outro dia pegamos carona numa caminhonete C-10, fomos tudo amontoado até a divisa de Pernambuco", conta.

"Quando vim do meu Bodocó, / a minha bolsa era um saco, / o

Jefferson Rudy



Composto de sete adultos e oito crianças, o grupo que veio de Salgueiro, a pé e de carona em caminhão, não encontrou a Brasília que queria

cadeado era um nó" - canta Francisco, lembrando-se da bagagem que traziam na viagem. A família veio arrastando sacos. Mudanças de roupa, lençóis finos para as crianças, redes - que quando chegaram não tiveram onde pendurar. "O resto foi só batalha, só sofrimento. O lugar aqui é bom, mas não achamos apoio. Muita gente diz que os barracos vão ser cadastrados e vamos ganhar lotes. Outros contam que as máquinas passam por cima da gente e deixam as crianças só com a roupa do corpo. Queria conseguir um lote e construir uma casinha", diz o homem, decepcionado.

Rosilda queixa-se. "É a primeira vez que moro num barraco como esse. Quando chove, cai água por tudo." O irmão caçula dela, Francisco da Silva, 17 anos, resmunga: "Se eu não conseguir passagem de volta, vou tirar o caminho na canela. Assim como vim, volto. Lote eu não consigo porque sou de menor."

Em Brasília, com a bondade do povo, a família conseguiu livrar-se da fome, mas não pôde fugir da sede. Eles estão nos barracos que margeiam a pista que vai para a Água Mineral, atrás da agência dos Correios, no Setor de Abastecimento e Armazenamento Norte (SAAN). "Arrancaram as

torneiras daqui de perto, pra gente não pegar água. As crianças vão comer às 4h da tarde, porque não tem água para fazer um feijão", queixa-se Maria Rosilda da Silva, 24 anos, a mãe da menina Rafaela e de mais três crianças, o maior com oito anos.

A torneira onde abasteciam-se era do Business Center, prédio da quadra 3, SAAN. "Cortei porque, se proibisse, eles batiam em mim, e se a conta continuasse aumentando eu perdia o emprego", justifica o porteiro José Garcia, 30, que trabalha há quatro anos no local. Ele mostra que a conta de água subiu de R\$ 65 para R\$ 136, de agosto para

setembro, por causa do aumento da população na invasão. E confirma que ninguém mais quer dar água para o povo.

Mas talvez o sofrimento da família termine hoje. Francisco levou os jornalistas do Correio para mostrar a placa que confirmava suas esperanças de emprego quando chegava a Brasília. A placa é do grupo Play Time, que está construindo um motel perto do balão do Colorado, na estrada para Planaltina. Ao verem o carro do jornal, os empresários se aproximaram. Conversa vai, conversa vem, pediram que Francisco voltasse com os documentos. Estão contratando peões para a obra.